

Touradas, garraíadas e (pseudo-)tradições: feminismo faz pega de caras ao patriarcado

Author(s):

Paula Sequeiros ^[1]

Show Author Info?:

0

O garbo, a pose, o traje de luzes! O cheiro a sangue a borbotar do cachaço do touro ferido pela espada, pelas bandarilhas. O homem macho feito espetáculo. Que melhor nome podia ter? O marialva, o matador. O touro bravo, a natureza bruta, dominada, jaz aos pés.

Versão mais *soft*(?), sem morte do animal. À vista. Morte assegurada, muitas horas mais tarde, fora da arena. Versão espetáculo do sofrimento de animais, de todas as maneiras. Dos touros, mas também dos cavalos treinados para enfrentar outro animal, tornado inimigo pela tourada.

O dicionário ^[2] define garraio: 1. *Touro novo (que ainda não foi corrido)*. 2. *[Figurado] Homem inexperiente.*¹

Touro não é animal em estado natural. É produto de apuramento genético para fabricar animal de aspeto fero, inimigo-ator, animal-espetáculo, animal-para-morrer. Produto, portanto, mais que animal. Garraio: produto incipiente na linha de produção, pretérito do produto final.

Homem domina animal, civilização domina natureza ? duplamente. Recria-a por capricho, cria-a para morrer à mão. Tradição ancestral. Imagem dum passado em caixilho dourado, pechisbeque. História-mito, almofada onde adormece a consciência do animal humano para esquecer que o é, para ascender a diferente, superior animal com direito à vida e à morte de todos os outros. Mito caprichado da supremacia. Retirado da natureza, estádio vil em que animal mata animal para comer.

Dentro da civilização duma natureza-objeto, no abuso por gozo puro, requinte cultural do homem-macho. Natureza criada pelo patriarcado e pelo industrialismo à sua própria imagem. No mundo há muitas outras naturezas. A tradição estava criada. A tradição está servida.

«Civilização, obviamente, refere-se a um padrão complexo de dominação de pessoas e de toda a gente (todas as coisas) mais, atribuído frequentemente à tecnologia ? fantasiada como «a Máquina». Natureza é um símbolo tão potente de inocência em parte porque 'ela' é imaginada como privada de tecnologia, para ser o objeto da visão e assim uma fonte tanto de saúde como de pureza. Homem não está na natureza em parte porque não é visto, não é espetáculo».ⁱⁱ

Praxe académica, garraiada, queima-das-fitas.

«A praxe, enquanto ritual iniciático, transmite todo o tipo de valores reacionários. Valores como a submissão, o sexismo, a homofobia e o corporativismo são exaltados, numa 'escola de vida' na qual se ensina a supressão do pensamento crítico, a obediência cega à ordem estabelecida e a necessidade de impor hierarquias de tipo militarista na sociedade».ⁱⁱⁱ

Garraiada vai bem com praxe. Praxe também é tradição, ou não? Faz-se correr animal jovem (também podia ter sido aluno, como antigamente, outro *garraio*), enquanto outros maltratam, batem, puxam o rabo. Não o fariam se fosse outro animal, talvez. Garraio existe para ser garraiado. Caloiro existe para ser praxado.

Morreu? Foi sem querer. Bicho é coisa, bicho é não-homem, bicho é apenas natureza. Feito para isso. Homem-macho opõe-se a bicho, não tem 'coisas' por animais, não é *abichanado*. Civilização é homem-macho.

Praxe rima com abuso. Praxe rima com macho.

Abusos sobre raparigas? Não é praxe, é exagero. Acontece é muito.

«A contestação da Praxe em Portugal não é coisa recente. Em textos que datam da primeira metade do século XVIII, já alguns estudantes atacam, por vezes em forma versificada, as assuadas rituais ou verbais: canelões e investidas».^{iv}

A tradição reinventa-se, justifica-se todos os dias. Ou transforma-se.

Que tem feminismo a ver com touradas e garraiadas? Tem tudo.

O pensamento feminista associa natureza e humanidade, não as opõe. Forjado na luta contra a opressão de género, opõe-se a todo o género de opressões. Contesta a história patriarcal, as tradições de negar direitos, de naturalizar maus-tratos. Celebra a reinvenção do quotidiano, sonha outras tradições.

Contra as touradas, contra garraiadas, contra abusos.

Estas tradições e outras pseudo-tradições peguêmo-las de caras.

i Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

ii Haraway, Donna. 1994. ?Teddy bear patriarchy: taxidermy in the garden of Eden, New York city, 1908-1936.? P. 49-95 in Culture power history: a reader in contemporary social theory, edited by Nicholas B. Dirks, Geoff Eley, and Sherry B. Ortner. Princeton, N.J.: Princeton

University Press.: Princeton University.

iii Coelho, Ricardo. 2012. A praxe como escola de vida [3]. Esquerda.net. 22 abril.

iv Frias, Aníbal. 2003. ?Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra. Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias.? Revista Crítica de Ciências Sociais, 2003 (66, Outubro):81-116.

Sumário da Home:

Contra as touradas, contra garraíadas, contra abusos. Estas tradições e outras pseudo-tradições peguêmo-las de caras.

Lead:

Contra as touradas, contra garraíadas, contra abusos. Estas tradições e outras pseudo-tradições peguêmo-las de caras.

Sobre o/a autor(a):

- Biblioteca
- Agenda
- Jornal Esquerda
- Blogosfera
- Comunidade
- Revista Vírus
- Wikifugas
- Ficha Técnica

URL de origem: <http://www.esquerda.net/opinioao/touradas-garraíadas-e-pseudo-tradi%C3%A7%C3%B5es-feminismo-faz-pegas-de-caras-ao-patriarcado/23123>

Ligações:

[1] <http://www.esquerda.net/autor/paula-sequeiros>

[2] <http://www.priberam.pt/dlpo/>

[3] <http://www.esquerda.net/opinioao/praxe-como-escola-de-vida/22849>